

CAIS: O AQUI E O ALÉM DA POESIA. POESIA E ALTERIDADE

CARLOS EDUARDO NETTO*

I - O CAIS

CAIS

Ronaldo Bastos e Milton Nascimento

1. *Para quem quer se soltar*
2. *Invento o cais*
3. *Invento mais que a solidão me dá*
4. *Invento lua nova a clarear*
5. *Invento o amor*
6. *E sei a dor de me lançar*

7. *Eu queria ser feliz*
8. *Invento o mar*
9. *Invento em mim o sonhador*

10. *Para quem quer me seguir*
11. *Eu quero mais*
12. *Tenho o caminho do que sempre quis*
13. *E um saveiro pronto pra partir*
14. *Invento o cais*
15. *E sei a vez de me lançar*

(Milton Nascimento, *Performance*, EMI-Odeon)

* Mestrando do Programa.

II - SOBRE O CAIS

O poema Cais começa com o sujeito poético anunciando que faz alguma coisa por outro ser: *Para quem quer se soltar / Invento o cais* (vv. 1 e 2). Revela-se, portanto, um intuito não-egoísta, pois visa ao interesse do outro. A invenção do cais é uma oferenda, um presente, para quem quiser se desprender e ser livre; desse modo, é à liberdade que ela serve.

Vemos, no verso 3, outro aspecto dessa busca de libertação; ali o sujeito poético transcende aquilo que a solidão pode lhe oferecer (*Invento mais que a solidão me dá*); mas, embora trabalhe em solidão, esse inventor não se isola de seus semelhantes; faz o oposto, pois vai **ao encontro** deles, inventando mais, indo além da solidão e - assim podemos entender - transcendendo a si mesmo. Nesse recolhimento do sujeito-criador, não existe um isolamento definitivo do eu; ao contrário, existe a ocasião de se impulsionar ao encontro do outro, fugindo-se do círculo vicioso do eu-mesmo.

Além disso, apesar de a solidão poder sugerir fechamento e escuridão, a luminosidade expressa pelo verso seguinte contrasta com essas idéias; no verso *Invento lua nova a clarear*, o eu poético inventa não apenas o ponto de onde se parte para a liberdade, mas também a luz que servirá de guia durante o percurso.

Quase encerrando a estrofe, o que foi exposto se condensa no verso 5: *Invento o amor*. As significações a que os termos *cais*, *mais* e *lua nova* remetem (a saber: **libertação**, **transcendência** e **luz**, respectivamente) agora se reúnem na palavra *amor*. Note-se que o amor, neste caso, surge com a própria criação artística, pois, assim como os outros elementos - o cais, a superação da solidão, a lua nova e sua luz - **ele é inventado**. Em seguida, no verso 6 (*E sei a dor de me lançar*), ao rimar *amor* e *dor*, o poeta não nega o esforço - a dor - que sua condição de criador-libertador lhe impõe. Poeta: Prometeu.

Na estrofe intermediária, o eu poético revela seu anseio de felicidade (v. 7: *Eu queria ser feliz*); note-se que, apesar de sua capacidade de invenção, ele **ainda não é feliz**; na busca dessa felicidade, continua criando: *Invento o mar* (v. 8). O mar, em poesia, contém antiqüíssimo mas sempre forte poder de sugestão, que se expande, no poema analisado, com a inter-relação de seus significados com os dos versos seguintes: *Invento em mim o sonhador*. Tem-se, de certa forma, um efeito de surpresa com a aparição do verso 9: após o anúncio da invenção do mar, no verso anterior,

poder-se-ia esperar uma imagem de algo também externamente imenso, como a visão de campos de vastos horizontes ou a indicação de algo como cordilheiras, por exemplo; mas o que ocorre é a fusão de imensidade, trazida pela imagem mar, com o campo do sujeito poético: *em mim o sonhador*. Assim, a invenção do sonhador surge sob a égide da imagem do mar, o que nos permite dizer que o sonhador em questão traz em si a grandeza, a expansão. Além disso, por semelhança sonora nos últimos fonemas, *sonhador* traz em si os ecos das significações de *amor* e *dor*, as quais, conforme vimos, já se encontravam inter-relacionadas. Os termos *amor* e *dor* encontram, em *sonhador*, a sua síntese.

Na estrofe final, o sujeito poético volta a colocar-se à disposição do outro, no sentido de quem se oferece para ser seguido (v. 10: *Para quem quer me seguir*); surge, então, a idéia de caminho, de percurso. Visto em paralelo com o primeiro verso - *Para quem quer se soltar* - o verso 10 acrescenta a idéia de que o poeta não se limita a indicar o ponto de partida - o cais -; ele anuncia sua própria partida, convidando para que o sigam; à idéia do *soltar-se*, do verso 1, associa-se o ato de seguirmos o poeta no seu percurso. O verso 11, *Eu quero mais*, reintroduz o sentido de intensificação e transcendência, e o verso 12 - *Tenho o caminho do que sempre quis* - reafirma o caminho a ser seguido em função daquele querer transcendente apresentado pelo verso anterior; querer atemporal, eterno (*sempre quis*), mas que gera o caminho, o qual evoca a **temporalidade** do discurso.

O verso 13 - *E um saveiro pronto pra partir* - vem anunciar o começo da viagem, a qual pode se iniciar a qualquer momento, desde que haja a vontade ou o querer para impulsionar o saveiro, ponto de apoio, meio de realização do acontecimento poético. O local da partida volta a ser anunciado no verso 14 - *Invento o cais*. O último verso (*E sei a vez de me lançar*), quanto à disposição dos versos nas estrofes e quanto à estrutura sintática, é simétrico ao verso 6 (*E sei a dor de me lançar*); ele substitui *dor* por *vez*, realçando, assim, o aspecto de **intencionalidade** que existe nesse ato de dor, que é o *lançar-se* e que, conforme vimos, é também ato de amor. *Saber a vez* é ter a consciência plena da importância do momento do ato de criar, que pode ser qualquer momento, desde que se esteja atento, pois o *saveiro está pronto pra partir*.

Ao longo do poema, temos, de um lado, imagens de elementos propícios à partida - cais, lua nova, mar, saveiro - e, de outro, signos da própria partida, ou seja, soltar, lançar, seguir, caminho, sem falar em sonhador. Lembremos que é próprio do trabalho poético correlacionar imagens, estáticas e bastantes a si mesmas, a significações que elas vão

adquirindo **no discurso**; o trabalho poético é um abrir caminho, um tecer de significações que têm seu vigor reforçado graças à atenção dedicada a aspectos materiais da língua, como, por exemplo, o ritmo e a sonoridade.

Para explicar o que vem a ser essa aquisição de significações por meio do discurso, busquemos as palavras de Alfredo Bosi, que diz:

Subsiste, (...), como processo fundante de toda linguagem poética, a trama de imagem pensamento e som. A verdade sui generis do poema está, precisamente, na intersecção dessas três realidades: o significado aparece sob as espécies do nome concreto, ou da figura, e é trabalhado pelos poderes da voz (1990, p. 88).

O trabalho dos *poderes da voz*, realização sonora no tempo, é o percurso dos signos na sua configuração poética, ou seja, na organização rítmica e nas combinações fonêmicas; são esses fatores que vão engendrando, indissociavelmente, a significação total do poema.

Por meio dos nomes concretos - cais, lua nova, mar, caminho, saveiro - que o poeta inventa, têm-se as visões do ponto de partida, do horizonte e do caminho a ser seguido; mas é no lançamento, no soltar-se, enfim, no **trabalho poético**, que se dão os efeitos da poesia. Aí se concretiza, a bem dizer, a **invenção**. As imagens, ou figuras, **apontam** o caminho, são a visualização; o discurso - no seu ritmo, no seu andamento, na harmonização sonora e na inter-relação semântica de todos os signos do poema - é o próprio caminhar, é o próprio ir além. No poema Cais, da imagem se **parte** para o discurso; melhor dizendo, a imagem só se faz poética por estar nesse determinado discurso; a imagem que o inspira só **nele** pode se cumprir com plenitude; no discurso a imagem é entoada como **palavra**. Não basta imaginar cais, mar ou saveiro para fazer poesia; é preciso seguir caminho, é preciso partir, seguir viagem pelo discurso da poesia. Inventar as imagens é estar atento, é saber a **vez** de se lançar; é ter consciência dos movimentos da alma para, no momento exato, lançar-se na criação do pensamento que se modula em poesia.

O poema que analisamos é anúncio e realização desse lançamento, no seu dizer e no seu fazer-se: na primeira estrofe vêm-se o cais, ponto de partida, e a lua nova, propiciadora da partida; na segunda estrofe estende-se o olhar para o mar, para o horizonte; na terceira, apresentam-se o caminho e o saveiro, que vêm realçar as idéias de movimento, tanto o do impulso para a partida como o da própria viagem. E no silêncio, que fica após o final do

poema, já não somos os mesmos: navegamos nas ressonâncias de uma subjetividade poética que veio ao nosso encontro. Se quisermos ter sensibilidade para esse mar de realizações do espírito, que é a poesia, aceitaremos o convite para partir, sabendo que essa partida rumo à libertação pressupõe seguir sempre em direção ao conhecimento do outro; isso equivale a conquistar autoconhecimento e, conseqüentemente, a libertar o eu enclausurado em si mesmo. Do cais lança-se o olhar que vê distante e ilumina; a partir de então inicia-se a viagem do discurso poético, que é sempre transcendência. A possibilidade de sempre partir dignifica cada instante, pois cada instante se torna um cais; o ir além, atributo essencial da poesia, é a salvação do aqui-agora da vida alienada de vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1990.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

PAZ, O. *Signos em rotação*. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Coleção Debates, v. 48).

PAZ, O. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.